



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



EVASÃO ESCOLAR NA EJA: O QUE (DES) MOTIVA A PERMANÊNCIA ESTUDANTIL?

Samara Gomes Aguiar (UESB)¹
Helíizabeth Santos Silva(UNEB)²
Jany Rodrigues Prado(UNEB)³

Resumo: Este trabalho apresenta as vivências acontecidas durante o período de observação e intervenção de estágio, realizado entre os dias 18 de setembro de 2017 a 23 de novembro do mesmo ano, em uma turma de 1º e 2º ano do primeiro ciclo da modalidade EJA de uma escola pública da rede municipal de ensino de Caetité-BA. Os fatos que mais se destacaram durante o estágio foram questões relacionadas à (des) motivação e evasão escolar de jovens e adultos do local. Em vista disso, este estudo foi construído realizando um paralelo entre as experiências vividas e as temáticas retro mencionadas. O primeiro contato das pesquisadoras com os dados foi referente ao elevado percentual de abandono escolar que o lugar apresentava no ano em questão, já que a turma começou com cerca de 25 estudantes, e no fim do ano letivo contava apenas com 10 que eram de fato assíduos/as. Esta informação instigou a desenvoltura desta pesquisa, que visou compreender quais razões haviam provocado esse abandono e o que, na condição de intervenientes, era possível fazer para ajudar a amenizá-lo. Durante as observações foi percebido o empenho dos/as alunos/as em aprender e compensar o tempo perdido fora da escola, e foi justamente neste ponto que as autoras se fundamentaram para cumprir com o proposto, pois o grupo em questão demonstrava um grande desejo pelo conhecimento escolarizado. Entender a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem daquele lugar contribuiu para a proposição de ações pertinentes ao avanço significativo daqueles/as estudantes.

Palavras-chave: (Des) Motivação. Evasão. Jovens e Adultos. Permanência.

Palavras iniciais

Durante o 4º semestre, por meio da realização de leituras, debates e rodas de conversa, ocorridas no decorrer da disciplina Educação de Jovens e Adultos, pudemos ampliar nosso olhar em relação ao ensino deste público. Ao longo dos estudos entendemos o quão importante é oferecer uma educação de qualidade para essas pessoas, uma vez que, pesquisas revelam, que elas não têm o espaço merecido dentro do cenário educacional e ainda são tratadas com bastante descaso, não sendo contempladas com os investimentos e atenção necessárias. Na intenção de melhor compreender este segmento educacional, escolhemos para

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB), *Campus* de Vitória da Conquista-BA. Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus* XII). Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE/CNPQ). Bolsista FAPESB. E-mail: samaraaguiarcte@hotmail.com.

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/*Campus* XII). E-mail: helizabethsantos@yahoo.com.br.

³ Mestra em Educação pela UESB. Atualmente é professora substituta do Departamento de Educação de Guanambi, (UNEB/*Campus* XII), onde atua como professora do componente Pesquisa e Estágio. Coordenadora da Rede Municipal de Ensino de Guanambi. Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE). E-mail: janyrprado@yahoo.com.br.

a realização do estágio no Ensino Fundamental uma instituição que oferecesse tal modalidade, pois gostaríamos de entender melhor sua dinâmica e funcionamento.

E então, traçamos como objetivo geral deste trabalho: relatar as experiências vivenciadas durante a realização de um estágio na modalidade Educação de Jovens e Adultos em uma turma do ciclo 1 da alfabetização. Já o objetivo específico desdobrou-se em: relacionar as vivências deste estágio com escritos que dialogavam com as temáticas experienciadas.

Para atingir os almejos delineados foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, que valeu-se do relato de experiência como método para sua construção.

Do medo à superação

Sabemos que a implementação da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é algo desafiador. As escolas que ofertam esta modalidade da Educação Básica atendem, em geral, pessoas que nunca tiveram acesso à educação sistematizada ou não conseguiram concluir os estudos no tempo, dito “correto”, merecendo, portanto, atenção especial por parte de gestores/as, professores/as e todos/as que fazem parte da esfera educacional da instituição, com vistas na garantia de qualidade de atendimento a estes/as sujeitos/as. Assim sendo, tínhamos em mente o desafio que nos aguardava no momento da realização de nosso estágio. Como incentivo nos valem do sentimento de desafio como um impulsionador para nos auxiliar a cumprir com o que havia sido proposto nos períodos de planejamento. Já no momento da observação, percebemos o alto número de evasão escolar de alunos/as da turma que escolhemos e a sede de aprender daqueles/as que permaneceram até o final do ano letivo. Diante do cenário que nos vimos inseridas o maior questionamento que nos fazíamos era sobre o que motivava essa minoria a prosseguir com os estudos?

Durante a realização do estágio utilizamos várias ferramentas como jogos, brincadeiras, dinâmicas, diversos gêneros textuais, atividades de leitura e escrita, vídeos e músicas, objetivando oferecer experiências significativas para todos/as os/as envolvidos/as e intuindo ainda proporcionar para cada pessoa ali presente uma fuga da cansativa rotina de trabalho e estudo. Tudo isso para que se sentissem mais motivados/as a participarem da aula, pois já chegavam à escola muito cansados/as do serviço diário. Aproximar aqueles/as jovens e adultos/as do mundo da leitura e da escrita de uma forma mais divertida e dinâmica lhes possibilitou um crescimento menos “doloroso”, pois muitos/as afirmavam que aprender “doía” e isso muitas vezes os/as deixavam sem ânimo para ir à escola. Para nós, no que diz respeito ao nosso crescimento pedagógico, foi uma experiência enriquecedora, uma vez que

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



percebíamos que para muitos/as deles/as, principalmente aqueles/as que ainda estavam no processo de alfabetização, essa intervenção permitiu agregar valores significativos em relação ao mundo das letras, e também enquanto seres humanos.

A turma na qual estagiamos estava inclusa no ciclo 1 da alfabetização da EJA, que corresponde ao 1º e 2º ano. Tinha 12 alunos/as, mas somente 10 eram assíduos/as, isso para uma sala que começou o ano letivo com 30 estudantes. O perfil era composto predominantemente por pessoas mais velhas, com idades entre 22 e 70 anos. O primeiro dia de observação foi o mais assustador para nós, assim que chegamos eles/as estavam realizando uma prova e havia duas turmas juntas, ou seja, naquele instante se tratava de uma sala pequena com mais de 40 alunos/as amontoados/as, e como não sabíamos que as classes estavam aglomeradas pensamos, *a priori*, que trabalharíamos com todas aquelas pessoas, o que foi um choque, já que a informação que a direção nos passou foi a de que se tratava de um grupo reduzido e considerado o mais motivado da escola, justamente por serem mais velhos/as e estarem ali por vontade própria.

Depois de termos descoberto o engano, e passado o susto inicial, no dia seguinte pudemos ter então uma verdadeira noção de como seria nosso relacionamento com aquelas pessoas. Assim que chegamos, mesmo sob o olhar de curiosidade, estranheza e desconfiança deles/as, já fomos capazes de perceber como era o clima no ambiente, sempre muito descontraído e de muita ajuda ao próximo, este fato já nos deu uma sinalização de como poderíamos atuar ali.

Passadas as duas semanas de observação, chegou o tão esperado momento de regência, em que seríamos nós quem planejaríamos e executaríamos todas as aulas. Iniciada a hora de pensar as atividades, nosso foco estava voltado para a dinamicidade delas, o intuito era tornar os conteúdos os mais atrativos possíveis, a fim de que os/as estudantes tivessem interesse por eles e os vivessem da maneira mais lúdica possível, pois sabíamos que mesmo já integradas no ambiente ainda éramos novatas e de certa maneira, estranhas naquele lugar, e ainda precisávamos provar nossa competência, já que metodologia e resultados são o que os/as alunos/as da EJA mais cobram.

Passado o momento de intervenção, num momento de avaliação docente, em diálogo com a turma pedimos que cada pessoa desse seu parecer acerca dos últimos dias de aula, que foram ministradas por nós, o resultado nos deixou bastante satisfeitas, já que, de acordo com a própria turma, *“as meninas da universidade trabalharam igual gente grande”*. Muito dos bons resultados que obtivemos podemos atribuir a nosso sólido planejamento. Todas as atividades foram pensadas com antecedência para otimizar o curto tempo que possuíamos,

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



isso nos permitiu aproveitar cada minuto disponível das aulas e nos fez perceber que compartilhamos do mesmo pensamento que Luckesi (1992) tem sobre o planejamento, uma vez que ele assegura que ele é “um conjunto de ações coordenadas visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente e econômica”, ou seja, como dispúnhamos de uma hora aula menor que a convencional tínhamos que usufruir dela da melhor forma que conseguíssemos, deste modo as aulas foram planejadas de modo objetivo, sem, todavia perder a ludicidade, a leveza e principalmente a qualidade.

Permanência na EJA: principais (des) motivações

Ao que se sabe, a evasão escolar é um problema educacional grave que tem se intensificado nas últimas décadas, principalmente devido às precárias condições de ensino e das instituições escolares. Referente à EJA, quando aliada à falta de incentivo e aos baixos investimentos essas dificuldades se tornam ainda maiores, visto que se as pessoas não têm apoio ou condições apropriadas para o estudo acabam por desistir ou nem adentrar no meio educativo. Fonseca (2002) é uma das diversas autoras que versam sobre as muitas causas que podem levar os/as alunos/as da EJA à desistência. Nas palavras da escritora os motivos mais citados são as condições de acesso e segurança precárias; os horários incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados/as a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor/a, falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa (FONSECA, 2002). Ou seja, todo abandono acontece posterior a uma grande motivação, não surge de geração espontânea, a desistência é provocada e muitas vezes fomentada.

A grande maioria dos/as alunos/as de EJA são pais e mães de família, trabalhadores/as que já possuem emprego e obrigações a cumprir, assim, quando adentram na escola estão em busca de algo que os/as ajude, os/as impulse a de fato finalizar sua alfabetização, todavia, o que mais temos visto é a reclamação de que estes/as estudantes são tratados com desleixo, com metodologias que não os/as estimulam e com poucos, ou quase nenhum investimento, e recursos. Diante do exposto podemos inferir acerca de quais razões levam o número de evasões da EJA a serem tão superiores ao do restante das modalidades educacionais.

Mesmo diante de tantos impasses que podem culminar na desistência desses/as discentes, também são diversos os motivos que eles/as apontam como responsáveis por sua permanência, dentre eles está a possibilidade de ascensão social, onde muitos/as afirmam que seguem com seus estudos por acreditarem que ele os levará a um lugar melhor na sociedade e ainda a oportunidade de melhoria de emprego ou de elevação de cargo. Essas são as



justificativas mais recorrentes, entretanto alguns/mas ainda disseram que estudam para “conhecer as coisas” e “não serem passados/as para trás”, o que pode ser traduzido em vontade de interagir de igual para igual com as pessoas alfabetizadas na sociedade, que é um dos objetivos da alfabetização, proporcionar a igualdade nos relacionamentos sociais.

Ludicidade na EJA: importante elemento para a permanência estudantil

Em linhas gerais, a ludicidade refere-se a um estado de espírito no qual a pessoa encontra-se totalmente envolvida com uma atividade que esteja desempenhando. Ela é muito usada na área pedagógica e vários/as escritores/as defendem que a realização de um exercício lúdico torna o aprendizado mais leve e prazeroso. À vista disso, podemos afirmar que a ludicidade foi um dos pilares de nosso planejamento, já que durante a observação notamos o modo enrijecido como as aulas eram ministradas e frente a isso intencionamos, desde o primeiro momento, mudar essa situação. Todas as experiências nos revelaram que a ludicidade é um importante recurso para a educação, não só a infantil como ainda se pensa, uma vez que ela auxilia na dinamicidade das aulas e as torna mais atrativas e descontraídas, facilitando assim o aprendizado, e neste caso podendo contribuir para a garantia da permanência dos/as alunos/as.

Sobre isso, Santos (1997, p. 12) assegura que:

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento.

A autora defende que o uso da ludicidade no processo de aprendizagem facilita a compreensão dos conteúdos, uma vez que se trata de aprender de uma maneira menos engessada e tradicional. Todavia, exatamente pelo fato dela estar erroneamente associada somente a brincadeiras é que, principalmente na EJA, costuma ser trabalhada numa perspectiva demasiadamente infantilizada, fazendo uso de exercícios e jogos acriançados que não despertam o interesse dos/as alunos/as adultos/as, por não estarem de acordo com seu período de vida e linguagem utilizada.

Amparo (2012) discorre um pouco sobre o que é a infantilização da EJA, dizendo que ela é entendida como o ato de um/a professor/a, que esteja trabalhando na modalidade, trazer para a sala de aula atividades que não condizem com o perfil dos/as educandos/as, ou seja, trazer atividades e exercícios iguais aos das crianças da Educação Infantil e Ensino



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Fundamental, mas se remete também à própria postura que o/a profissional assume perante os/as jovens, adultos/as e idosos/as da EJA, que em muitos casos é semelhante à postura que tem com as crianças.

Palavras finais

Diante do exposto, concluímos que o estágio no Ensino Fundamental na referida turma foi uma experiência mais que gratificante. Apesar das dificuldades e do cansaço aparente de cada um/as deles/as, perceber o empenho de estar na aula todos os dias e fazer valer cada minuto naquela escola, nos fez valorizar ainda mais cada história de vida que dividia aquele espaço conosco. Todos/as aqueles/as alunos/as tinham suas dificuldades particulares, mas o que fez a diferença foi o modo como lidavam com elas, fazendo de toda aula e novo aprendizado motivo de alegria e sorrisos e vivendo o momento como se fosse único.

Durante o desenvolvimento do estágio, percebemos que a variedade de métodos e recursos utilizados pode ser o divisor de águas no que diz respeito ao bom andamento de uma aula, já que, se desprender do quadro e realizar atividades mais dinâmicas e lúdicas nos possibilitou sair um pouco da rotina, além do que, referente à EJA, os/as fez despertar do sono e cansaço que insistiam em tentar desanimá-los/as.

O bom relacionamento entre eles/as na sala de aula foi algo muito marcante, que permeou todo nosso tempo lá. Percebíamos como tentavam motivar o/a colega a aprender, para não faltar às aulas e a preocupação quando um/a deles/as falava ou não conseguia realizar uma atividade proposta. Assim, a alegria, o bom humor e a receptividade deles/as facilitou o bom desenvolvimento das atividades e por consequência o processo de ensino/aprendizagem.

Diante de tudo o que foi exposto, se faz necessário sugerir que professores/as, coordenadores/as, diretores/as e demais envolvidos/as no contexto escolar, repensem suas práticas pedagógicas, de modo a propor ações que visem a um trabalho voltado para a construção diária da prática docente e da busca de conteúdos significativos para a vida dos/as educandos/as. O passo inicial para que isso aconteça é conhecer a realidade deles/as, procurando sempre valorizar seus saberes, pois é um fato que a todo o momento trazem para a sala de aula.

Referências

AMPARO, Matheus Augusto Mendes. A infantilização do ensino na Educação de Jovens e Adultos: uma análise no município de Presidente Prudente/SP. Presidente Prudente/SP. **BOLETIM GEPEP** – Ano I, v.01, n.01, p. 49-62, dez. 2012. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/grupos/gepep/4a.pdf>. Acesso em 06 dez. 2017.



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Educação de jovens e adultos, especificidades, desafios, contribuições.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LUCKESI, Carlos Cipriano. Planejamento e Avaliação escolar: articulação e necessária determinação ideológica. *In*: BORGES, Silva Abel. **O diretor articulador do projeto da escola.** São Paulo/SP, 1992. FDE. Diretoria Técnica. Série Ideias nº 15.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do Educador.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.